

O sistema de formas de tratamento:

perspectivas teóricas

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BALSALOBRE, SRG. *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 151 p. ISBN 978-85-7983-104-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

3

○ SISTEMA DE FORMAS DE TRATAMENTO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Um dos aspectos mais marcantes dessa divergência que o falante opera na linguagem é a maneira específica como se refere ao seu ouvinte. A língua portuguesa oferece uma escolha ampla de formas de tratamento, e a decisão tomada é a manifestação mais nítida do relacionamento que o falante percebe existir entre si e o seu interlocutor. Essa decisão é o ponto em que a língua mais explicita e conscientemente desempenha um papel social.

(Jensen, 1977, p.45)

Semântica do poder e da solidariedade

Uma vez analisados os gêneros que compõem os jornais em estudo, fez-se visível a relação existente entre o emprego das formas de tratamento e os propósitos de cada uma das seções desses jornais. Na realidade, essa é uma relação esperada, pelo fato de que esse dado linguístico representa um exemplo privilegiado da intersecção que há entre a história interna e externa da língua, já que evidencia a inter-relação entre fatos sociais e verbais, representando os fundamentos de organização do *status* social. Assim, a

escolha de uma forma de tratamento pelos redatores dos jornais, em detrimento de outras, está relacionada com as normas e os valores vigentes na sociedade paulistana do início do século XX, além de estar vinculada à intenção desses redatores ao escrever o texto e ao público-alvo que pretendem atingir.

Analisando a relação entre o emprego das formas de tratamento e os dados de organização social dos portugueses, Cintra (1986) defende que a complexidade das formas de tratamento está diretamente relacionada com as sociedades que têm como característica a divisão social em estamentos ou camadas sociais hierarquizadas. Em um estudo sobre o complexo sistema de tratamento do português europeu, o autor associa cada uma das formas de tratamento ao grau de intimidade e à relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que lhe dirige a palavra.

Na posição de sujeito, Cintra define três possibilidades para o português europeu: (i) tratamentos pronominais (*tu, você, vossa excelência* etc.); (ii) tratamentos nominais (*o senhor, a senhora, o meu amigo* etc.); (iii) tratamentos verbais, ou pela desinência verbal (por exemplo: *Quer?*). Em comparação com as formas pronominais e as formas verbais – que não caracterizam diretamente o interlocutor, limitando-se a chamar a atenção para o enunciado –, o uso nominalizado lembra algo próprio da pessoa com quem se fala, seja simplesmente o sexo, seja a categoria social ou profissional, o parentesco, o grau de intimidade entre os interlocutores etc.

Andrade (2008, p.151) ressalta que a escolha de uma dessas possibilidades de formas de tratamento previstas pelo sistema “depende das relações entre os diversos *status* sociais e os papéis para desempenhá-los. Entretanto, alguns usos podem-se fixar por mais tempo do que outros, em virtude da dinâmica das transformações sociais”.

Ao analisar o sistema de tratamentos empregado no Brasil, Tarallo (1981) considera a existência de dois padrões de tratamento: um que é não recíproco, diferencial ou não íntimo; e outro que é, ao contrário, recíproco, não diferencial ou íntimo. Segundo o autor, a escolha de um desses padrões está relacionada com a conexão existente entre a situação de uso e a semântica da forma de trata-

mento. Em outras palavras, essa escolha ocorre entre tratamentos reveladores de intimidade ou formalidade. Para a variedade culta de língua portuguesa usada atualmente no Brasil, Tarallo (idem, p.47) considera como principais as formas de tratamento elencadas no quadro reproduzido abaixo:

Quadro 6 – Principais formas de tratamento empregadas no Brasil. Fonte: Tarallo (ibidem).

Intimidade	Formalidade
Primeiro nome	título
Primeiro nome + inho/zinho (Paulinho)	título + Primeiro nome (PN)
gente, minha gente	título + Último nome (UN)
você, vocês	título + (PN) + (UN)
amigo(s), amiga(s)	senhor, senhora
meu(s) amigo(s)	senhor(a) + (PN)
minha(s) amiga(s)	senhor(a) + (UN)
companheiro(s)	senhor(a) + (PN) + (UN)
companheira(s)	meu senhor, minha senhora
meu(s) amor(es)	dona
meu bem	dona + PN
querido, querida	dona + UN
menino, menina	dona + PN + UN

Essas relações de intimidade, formalidade e reciprocidade que definem padrões de tratamento, apontados por Tarallo ao analisar o português do Brasil, são discutidas primordialmente pelo clássico artigo de 1960 de Brown & Gilman, “The pronouns of power and solidarity”. Os autores, naquele momento, propuseram um modelo que envolve o uso dos tratamentos correspondentes às duas características principais das sociedades: o poder e a solidariedade. Para estabelecer esse padrão semântico, os autores analisaram a covariação entre a forma de tratamento empregada e o relacionamento objetivo existente entre o falante e o interlocutor ao qual ele se dirige.

Para Brown & Gilman (1972), *poder* é o relacionamento não recíproco que se estabelece entre, no mínimo, duas pessoas, no sentido de que elas não podem ter poder na mesma área de comportamento. Dessa forma, o poder semântico revela formas de tratamento típicas da relação entre um superior e um inferior, demonstrando que

existe contextualmente uma estrutura social que define hierarquias de poder para cada indivíduo. Essa hierarquização pode ter diferentes bases de acordo com os valores sociais vigentes, que vão desde a força física, a riqueza, a idade e o sexo, até os papéis institucionalizados no Estado, na Igreja, no Exército e dentro da família. Assim, a primeira experiência de subordinação de um indivíduo ao poder acontece no seio de sua própria família, na relação reverencial com seus pais. Posteriormente, a norma vigente que prevê o tratamento assimétrico é transferida para as demais relações sociais, como a que se estabelece entre patrão e empregado, por exemplo.

Em contrapartida, Brown & Gilman apontam a existência de relações interpessoais estabelecidas a partir de um padrão de reciprocidade. Esse tipo de relação revela uma maior complexidade, se comparada às relações de poder, pelo fato de que a maior probabilidade de ocorrer uma relação simétrica, no sentido mais estrito da palavra, se dá no tratamento que dois irmãos gêmeos podem empregar mutuamente ou com um homem conversando e atribuindo um tratamento para si mesmo. Apesar da dificuldade de se estabelecer relações em que não haja nenhuma denotação de poder, os autores preveem que pode haver relações simétricas entre pessoas que frequentam a mesma escola, que compartilham da mesma profissão, ou demais atividades diárias. Há, ainda, a possibilidade de se estabelecer relações solidárias pela frequência do contato entre duas pessoas ou a partir de similaridades objetivas. Entretanto, tal frequência não faz com que, necessariamente, essas pessoas passem a empregar os tratamentos considerados solidários – isso só ocorre após o estabelecimento de uma relação mais íntima a partir de uma confluência de opiniões que resultou desse contato.

De forma geral, os tratamentos que expressam relações interpessoais de poder e solidariedade são denominados pelas iniciais V e T, em referência ao pronome de 2ª pessoa do plural *vos* e 2ª do singular *tu* do latim, respectivamente. V define tanto relações de reverência quanto de formalidade, e T envolve a semântica da condescendência e da intimidade. Entre essas duas formas existe um limite tênue que se consolida por meio da generalização do poder

semântico. Assim, o poder superior pode ser solidário – como ocorre nas relações entre pais e filhos ou entre irmãos mais velhos – ou não solidário, se tratar-se da relação entre oficiais, por exemplo.

Brown & Gilman fundamentam essa proposta de análise do sistema de tratamentos em estudos históricos que revelam um conjunto de correspondências entre o poder semântico e o sistema feudal, por revelar sociedades estáticas, em que o indivíduo garantia o poder pelo seu nascimento sem muitas possibilidades de redistribuições desse poder. Entretanto, os pesquisadores acreditam que a base histórica do poder semântico tem mudado de direção nas sociedades modernas, por identificarem um aumento do T mútuo entre os membros de uma mesma comunidade (colegas de classe ou de trabalho, membros de um mesmo grupo político, pessoas que compartilham um *hobby* ou fazem uma viagem juntas etc.) a partir da comparação dos dados de seus informantes (compostos por universitários europeus), que apontaram para a variação existente entre a preferência de tratamentos caracterizados por V pelas pessoas mais velhas e por T pelas mais jovens. A justificativa dessa nova tendência está pautada nas novas associações entre ideologia e pronome semântico:

Pelas nossas considerações sobre a evolução semântica geral dos pronomes, nós identificamos um estágio em que a regra da solidariedade foi limitada para o tratamento de pessoas de poder equivalente. [...] Nós acreditamos que o desenvolvimento de sociedades abertas, com uma ideologia igualitária aja contra o poder semântico não recíproco e a favor da solidariedade. É nosso palpito que as grandes mudanças sociais criem uma aversão à expressão face a face de diferenciação de poder. (Brown & Gilman, 1960, p.269, trad. nossa)¹

1 Tradução nossa: “*In our account of the general semantic evolution of the pronouns, we have identified a stage in which the solidarity rule was limited to address between persons of equal power. [...] We believe, therefore, that the development of open societies with an equalitarian ideology acted against the non-reciprocal power semantic and in favor of solidarity. It is our suggestion that the larger social changes created a distaste for the face-to-face expression of differential power*”.

Formas de tratamento e os gêneros do jornal

Neste estudo, as formas de tratamento são analisadas por meio das seguintes relações estabelecidas entre: (i) dados históricos, sociais e culturais da população em questão; (ii) um embasamento acerca dos gêneros textuais que compõem os jornais em análise; (iii) a discussão sobre a relação entre as escolhas dos tratamentos e a semântica do poder e da solidariedade que permeia a comunidade negra do período; (iv) e, finalmente, um estudo discursivo das formas de tratamento, em que se busca detectar marcas de interação social, de ironia, de tentativa de inserção social e de outros fatores que influenciam na escolha dos tratamentos.

Para se atingir a proposta de (iv), é de suma importância a classificação dos tratamentos de acordo com a posição e intenção do enunciador no momento da enunciação. Nesse sentido, Soto (2001, p.18) afirma que

podemos estabelecer uma distinção entre as expressões de tratamento segundo elas recuperem uma ou outra pessoa do discurso. Uma concepção do outro *stricto sensu* pode ser definida em oposição a outros dois pontos de vista complementares como nos mostra Carreira (1995, p.49). O tratamento do outro, denominado “*allocution*”, se dá quando o “*JE désigne TU*”. Os dois outros tratamentos são a “*élocution: JE désigne JE*” e a “*délocution: JE désigne IL/ELLE*”.

Com um caráter ilustrativo, seguem, respectivamente, um exemplo de alocação (quando há um enunciador dirigindo-se diretamente à segunda pessoa do discurso), um de elocução (quando o enunciador trata de si mesmo) e um de delocução (para a enunciação em que o locutor trata de uma terceira pessoa) dos jornais em análise:

Juiz – Quem é acusado á justiça não lhe fala de mãos nos bolsos.
 Reu – *Senhor Juiz*, estou aqui por mettel-as nos dos outros; onde quer que as metta agora? (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

Os homens só procuram mulheres bonitas, não há lugar por onde *eu* passe que *eu* não note um ponto de admiração! (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Na madrugada do dia 2 o *sentenciado Virgilio Valério Ferreira*, evadiu-se da cadeia publica de Botucatú, servindo-se de uma chave feita por *elle* mesmo (?) na prisão, com uma colher. (*O combate*, ano IV, n.1.069, 9 dez. 1918)

A análise das formas de tratamento em função da disposição dos interlocutores em textos produzidos na modalidade escrita – como é o caso dos gêneros textuais dos jornais em questão – remete ao estudo do processo de interação na escrita. Por interação entendem-se as relações estabelecidas pelo enunciador e seus interlocutores, sejam eles reais ou virtuais, no texto escrito. Essas relações ocorrem, obrigatoriamente, com indivíduos socialmente organizados, ou seja, mesmo que não se trate de um indivíduo real, o enunciador se dirigirá a um grupo social genérico (é o que ocorre com os redatores de jornal ao se dirigirem genericamente a um leitor). Dessa forma, para que o discurso construa-se, os participantes devem conceber claramente o lugar social de seus interlocutores.

A interatividade é um fenômeno previsto pelo sistema linguístico, já que as línguas o expressam por meio de diferentes marcas, que “são constituídas por expressões ou formas linguísticas que sustentam a presença de um leitor a quem o escrevente se refere de modo claro e sem qualquer ambiguidade em determinado contexto situacional” (Andrade, 2008, p.150).

Um exemplo privilegiado de marca de interatividade é a escolha das pessoas gramaticais, também evidenciada pelas desinências verbais (por exemplo: “eu”, “você”, “senhor”, “senhorita”, “entrevistamos”) em função da relação estabelecida entre os participantes em uma situação comunicativa. Nesse sentido, Andrade (idem, p.159-60) afirma que

a relação dessas marcas com a gramática evidencia-se pelo fato de essas formas linguísticas serem usuais na língua, ou seja, são em-

pregadas de acordo com as possibilidades que o sistema de língua portuguesa permite.

Tal uso faz parte de um movimento próprio do processo de textualização cuja presença do interlocutor evidencia-se na própria construção textual.

Dessa forma, ao se estudar a interatividade no texto escrito, merece um especial destaque o sistema de formas de tratamento, já que a escolha de uma forma em detrimento de outra disponível na língua explicita os posicionamentos sociais representados no processo interacional, a saber: solidariedade, intimidade, poder, polidez, reverência, hierarquia etc.

Nos jornais em análise, é comum os redatores dirigirem-se textualmente a seus interlocutores em atos alocutivos, revelando diferentes intenções: desde simplesmente evidenciar a preocupação com o interlocutor – como é o caso específico de *O combate* – até felicitar diretamente algum leitor pelo seu aniversário ou alguma conquista, criticar publicamente alguém – tal como ocorre com *O alfinete* – ou revidar algum tipo de provocação – a exemplo das cartas trocadas entre leitores em *O Kosmos*.

Em *O alfinete*, os casos de alocação mais comuns são os encontrados em gêneros textuais que coadunam com a atitude pedagógica típica do início do movimento da imprensa negra. Nesses textos, fica evidente a preocupação dos redatores com o comportamento dos membros da comunidade negra. Para ilustrar essa atitude alocutiva seguem dois exemplos de *O alfinete*:

Seu Philogonio. Cuidado com a cavação da rua Canindé nº88. olha isso não dá certo.

Você precisa encentar com essa cavação.

A mãe della é viúva sem encosto, e só vive das verduras que vende, e por isso mesmo é para vestir e educar a filha. [...] (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

José Velino, olha essas vidraças, *você* que anda metido nesses porões do Canindé, é perigoso uma noite tomar um trote e atra-

palhar-se nas vidraças porque quanto mais olhos se tem menos se encherá.

O Cutiba. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Nesses exemplos, há uma primeira pessoa que não se identifica, mas genericamente pode ser considerada como um redator do jornal, que se dirige diretamente a uma segunda pessoa do discurso. Ambas as enunciações revelam a intenção do redator de alertar esses leitores do jornal sobre algum aspecto de seus comportamentos. Cabe ressaltar que nesse tipo de atitude alocutiva há uma série de fatores imbricados, a saber: essas alocações acontecem em apenas um gênero do jornal *O alfinete*, a *coluna de mexericos*, que se destina a apontar comportamentos das pessoas da comunidade negra, ora para expor e tentar corrigir uma atitude considerada indesejável, ora para ressaltar as qualidades das pessoas, ou para simplesmente fazer “fofocas”; em seções desse tipo, a enunciação é sempre construída a partir de um vocabulário próximo da informalidade; além disso, a alocação revela a intenção do redator em demonstrar o poder que sua profissão lhe concede, por ter a possibilidade de julgar os demais membros da comunidade – evidenciando que a escolha da forma de tratamento se dá em função de esse redator, na interação, conhecer o lugar social de seus interlocutores.

Entretanto, há com menor frequência alguns outros gêneros em que é possível detectar alocações de outras naturezas. Um deles é a chamada *carta de leitores*, em que há uma primeira pessoa que se identifica, dirigindo-se ao redator. Em situações como essa, a linguagem empregada é uma tentativa de adequação à norma culta, e o tratamento é sempre formal:

Sr. Redactor

Li ha dias num jornal de Sorocaba que uma sociedade recreativa d'aquella cidade deliberou, em reunião, abolir o uso de bebidas alcoólicas por ocasião de suas festas [...].

Quem sabe se ao lerem estas mal traçadas linhas secundem o esforço deste seu humilde leitor e propagandista anti-alcoolico que muito espera dos homens de boa vontade, amantes [...] do progresso.

Zelindo (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

Ocorrem também alocuções nas seções dos jornais dedicadas à publicação de cartas ou textos em que a temática amorosa é ressaltada:

Paixão

Bella minha, dar-te-ia o meu todo e tudo para receber dos *teus* inclitos lábios a palavra mais consoladora para um ente que ama – paixão.

Louco de paixão por *ti*, o meu ser parece desfazer-se em nada quando ao fitar-te, frente a frente, *negas*-me um olhar de compaixão.

Sim, percebo ao longe, adorada minha, que nem ao menos *dás* um ar que *estás* compreendendo que sou um apaixonado pela mais bella jovem que os meus olhos não se cançam de mirar. Não importa Adélia santa, vale mais o tempo que a nossa vontade. Oliveira.
(*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

No caso de *O combate*, ocorre alocução em um único gênero específico: trata-se das *entrevistas*. Nesse gênero, ficam evidentes a primeira e a segunda pessoa da interlocução, uma vez que era preocupação dos redatores desse jornal conceder o devido espaço para que os envolvidos em uma notícia pudessem se pronunciar. Segue exemplo de uma entrevista de *O combate*:

Dizendo-lhe ao que iam, o sr. Carvalho quiz esquivar-se de nos elucidar a respeito, allegando nada saber por de nada ainda ter tratado. E accrescentou:

– O meu socio é que o póde informar. Venha cá amanhã. Tenha paciência.

Nós, porém, insistimos certos de vencer aquela resistência com que não havíamos contado. Effectivamente assim aconteceu. E o sr. Carvalho começou então a expôr os factos, calmamente:

– Uma vez que tanto pede, vá lá; vou fazer-lhe a vontade. Saiba, pois, O COMBATE que não há de nossa parte nenhum proposito de prejudicar o publico. A medida que hoje puzemos em pratica é inteiramente justa, e tómal-a depois de madura reflexão sobre o assumpto. (*O combate*, ano III, n.1.018, 2 out. 1918)

São mais comuns na imprensa negra, tal como no jornalismo em geral, os tratamentos delocutivos, em que o autor do texto menciona uma terceira pessoa, também com variadas intenções. Esse tipo de tratamento merece atenção por apresentar algumas peculiaridades, sobretudo o fato de que há uma grande quantidade de ocorrências delocutivas, em que o locutor, além das formas de tratamento habituais como o *senhor* ou o cargo do interlocutor, emprega ainda outras formas nominais – marcas interacionais produzidas inclusive com o uso de adjetivos – para ressaltar a importância dos membros da “classe dos homens de cor”, valorizando-a. Segue uma ilustração dessa atitude delocutiva:

Guardamos até agora viva impressão da morte do *nosso ilustre companheiro de luta e bondoso amigo* – o sr. Joaquim Cambará. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Um dos tratamentos delocutivos mais empregados pelos redatores da imprensa negra paulista, com a finalidade de promover a integração dos negros na sociedade, evidenciando uma marca de *status*, é a forma *patrício*.² Dentre as várias acepções do termo *patrício* mencionadas pelo Dicionário Novo Aurélio (1999), há duas que contribuem para a compreensão desse tratamento empregado pelos

2 Majoritariamente, o tratamento *patrício* ocorre em situações delocutivas. Entretanto, foi encontrada uma única ocorrência dessa forma como alocução (cf. exemplo retirado de *O alfinete* de setembro de 1918).

redatores, a saber: “distinto, elegante” e “conterrâneo, compatriota”. Esses dois sentidos complementam-se para a análise dessa forma de tratamento, uma vez que os próprios redatores definem *patricio* como seus “irmãos de côr” nascidos no Brasil e que têm por dever amar sua pátria, além de ressaltarem sua importância no seio da comunidade ao empregarem esse tratamento. Em outras palavras, ora o termo é empregado com um sentido mais étnico, ora com o sentido de “compatriota”.

Seguem, respectivamente, uma definição do ideal de patriotismo, um excerto que define os indivíduos considerados *patricios* pelos redatores – ambos retirados da edição de junho de 1928 de *O clarim d'alvorada* – e exemplos do emprego desse tratamento:

O patriotismo

Ser Patriota é também amar os seus irmãos de raça, animando-os, ajudando-os coherentemente nas suas primordiosidades e coadjuvando no seu evoluir e na sua integridade.

Portanto, a bem dos nossos interesses sejamos Patriotas para que o nosso ideal seja um facto no conceito da comunidade dos povos. Luis de Souza. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Maior seria a nossa ascensão, a nossa victoria, a nossa satisfação; portanto, daria maior gaudio ao nosso appello se todos os *patricios* – pretos, mulatos, enfim descendentes daquelles congregados, em romaria não só fossemos lá nas solidões dos cyprestes, onde a belleza já se declinou e as cinzas dos nossos finados bem amados ainda imperam mas: promettessemos concorrer além das homenagens justas a aquelles que se debateram pela Lei Aurea, labutar pela congregação da nossa mocidade que surge, e refletissemos bem no preterito de angustias e de lá sahissemos resolvidos a encarar a vida com maior abnegação?

Jayme de Aguiar (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Patricios!

[...] Imitemos os nossos antes passados, *patricios illustres* que honraram e honram a dignidade de homem, e brio a côr! [...]

Vamos *patricios*, vamos proseguir o desenvolvimento da nossa classe, assim deixaremos aos nossos vindouros o justo exemplo! [...] A patria já nos chama, poderemos então ser o infimo dos soldados? Penso que não! Jamais arrefecemos em nos instruir.

Benedicto Fonseca (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Observai!...

Há muito que venho notando um certo descaso entre os *nostros patricios* sobre os que vem lutando intellectualmente, sem medir esforços para o engrandecimento da nossa raça que caminha errante para a ignorância [...].

Não há muito tempo, um dos nossos lidadores (Laly) teve a feliz ideia da criação na nossa Paulicéa de um hospital para o amparo dos *nostros patricios desprotegidos*, e no entanto, por falta absoluta de apoio não se pode crear esse hospital, cujo nome seria Hospital Henrique Dias. [...]

E este pequeno porta-vós, espera que cada *patricio* procure unir-se um ao outro, lutar racialmente, doutrinando os seus filhos, para que o alvorecer de amanhã seja mais uma gloria e honra para esta polentosa Nação Brasileira.

Luis Souza (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Dr. Baptista Pereira

Conforme fora anunciado, realizou-se no dia 19 do mez findo, na sala nº2 da Faculdade de Direito a conferencia deste *grande patricio* sob o thema: O BRASIL E A RAÇA, e a raça negra que foi o mais solido tronco da nossa grandiosa nacionalidade [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928)

[...] sendo pela 3ª vez, levado a scena o drama em 3 actos, original do *nosso patricio e amigo Abilio José Rodrigues*, intitulado "Scenas da Vida". (*O alfinete*, ano VI, n.976, out. 1921)

A UMA JOVEM NEGRA: que aspira liberdade d'uma raça
[...] Tendes razão jovem Negra, é miserrima a nossa condição, dentro do nosso proprio Paiz, porém não querem encarar assim os nos-

sos *patricios de epiderme clara*, mas a esses eu responderei dizendo...
 Pintem-se de preto e tentem arranjar um emprego publico; porém,
 a saber, que não seja de continuo ou de porteiro.

L. Veiga dos Santos³

Especificamente no caso do jornal *O alfinete*, além de textos com a função de exaltar os membros da comunidade negra – que ocupam as seções iniciais dos jornais –, é ainda possível encontrar textos delocutivos em colunas denominadas “Aprecio”, “Phrases apanhadas”, “Criticas”, entre outras, em que a linguagem empregada não revela preocupações em se manter a formalidade:

Porque será que o *sr. Paulo* socio do “Pendão Brasileiro” não tem ido mais aos ensaios de Frach?

É que a crise está danada, nem mesmo todos os advogados podem trajar taes roupas, porque senão acaba e depois nos dias de festa?

Então será esta a razão?

O alfinete vai syndicar melhor.

Lambe Lasca (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

Em cada um dos jornais em análise é possível estabelecer tendências de uso de tratamentos elocutivos. Em *O combate*, por exemplo, as formas de primeira pessoa – sobretudo primeira pessoa do plural – não fazem referência a um indivíduo especificamente, mas ao corpo jornalístico desse jornal como um todo. Além disso, ainda é possível encontrar elocução no gênero *entrevista*, haja vista que a reposta de um entrevistado tende a ser alicerçada em sua própria opinião. Assim, segue um exemplo de uma *nota* que trata do próprio jornal e de uma entrevista em que ocorrem momentos elocutivos:

3 *O clarim d'alvorada*, ano I, n. 7, ago. 1928.

A nossa 2ª edição

O COMBATE deu hontem, ás 4 e meia da tarde, uma segunda edição, que representa um verdadeiro *tour de force*. Fornecemos aos leitores o resultado conhecido áquella hora, nas diversas secções da capital, o que nenhum outro jornal, nem mesmo os da noite, conseguiu fazer.

Publicámos tambem nessa edição tres *clichés* sobre o pleito, dois dos quaes reproduzimos hoje.

Registrando o successo alcançado pela nossa 2ª edição, que rapidamente se exgottou agradecemos muito a todas as pessôas que, gentilmente nos forneceram, pelo telephone, os resultados da apuração, assim auxiliando o esforço da nossa reportagem. (*O combate*, ano III, n.844, 2 mar. 1918)

Ainda o caso da rua Bento Freitas (entrevista)

Tratava-se duma moça de nome Jandyra dos Prazeres, que em tempos trabalhou de modista no *atelier* da Mme. Rillos. Parando em frente á casa a contemplal-a curiosamente, dirigimos-lhe a palavra, interrogando-a sobre o assumpto.

– Há já uns poucos de mezes que eu deixei de ser empregada de Mme. Rillos. Passo, porém, todos os dias aqui e tenho notado que um mysterio qualquer envolve o silencio desta casa. De resto, não sou só eu a extranhar o caso. Todas as pessoas que conheciam mais ou menos a familia Rillos andam egualmente intrigados. (*O combate*, ano III, n.1.066, 5 dez. 1918)

Em *O alfinete*, a principal ocorrência de tratamento elocutivo é o pronome de primeira pessoa do singular *eu*, empregado em gêneros que favorecem a temática amorosa. Nesses textos, há sempre um enunciador exprimindo seu amor não correspondido e seu consequente sofrimento. Em alguns casos, esse tratamento é empregado quando o enunciador tem a intenção de recordar bons momentos do passado e de expressar sua subjetividade – é válido ressaltar que todos esses textos têm pretensões literárias. Os dois primeiros exemplos que seguem se referem a elocuições cuja temática é amorosa, e os exemplos subsequentes tratam de temas variados:

Só a ti

[...] Mesmo assim, sinto-me incapaz de suportar a vida quando, n'uma concentração de espirito, não vejo o dia de amanhã. [...]

Euzebio (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1919)

Santos – Uma tarde na praia

Era uma tarde triste e serena. O ceu estava axilino e transparente eu na praia; a contemplar aquella belleza puramente encantadora: e o que servia de tristeza para o vale, eu abysmado.... e com o olhar fito e lagrimar, para as grandes obras da natureza. A serenidade do mar fazia entristecer todo coração ferido pelo amor.[...]

Nisto levantei; e olhei em torno de mim, tudo era deserto o coração conchitou, profundo amortalhou minh'alma! dividi então meus sentimentos com o triste e velho mar triste da alma que amo.

Vittor Regis (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Esperanças mortas

Cada dia que passa sinto que estou mudando; eu me lamento, mas é uma verdade!

De esperanças já vivi out'ora, hoje pouco me importa dessas aventuras inertes!!!... (*O alfinete*, ano VI, n.976, out. 1921)

Perfil intimo

O traço predilecto do meu carater, a incerteza; o que me dá tédio, o modo de vestir de minhas collegas (moças); e meu maior defeito, ser verdadeira; o que muito me desgosta: a vaidade; o meu peor pensamento: ser trabalhadeira; o que me ataca os nervos, o fingimento; o que me dá incommodo, a affectação; o meu maior mal, ser pessimista.

Judith (*O alfinete*, ano VI, n.75, set. 1921)

Em *O clarim d'alvorada* ocorrem usos do tratamento elocutivo em textos de diferentes temáticas:⁴ ocorrem elocuições em textos

4 Não foram encontradas elocuições nos exemplares analisados de *O Kosmos*.

semelhantes aos encontrados em *O alfinete*, em que se favorece a expressão da subjetividade; em diálogos que compõem textos literários; e na expressão de opinião pessoal dos redatores – tal como demonstram respectivamente os exemplos:

Revendo o passado

Nos momentos angustiosos da existencia, convertendo amargura e os olhos o pranto, sinto sempre debuxar-se no fundo da minha memoria o quadro saudoso da minha infancia!

Que dias lindos! Que alegria pura! Que doce enlevo!

Dina (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Na estrada sinuosa do destino, duas mulheres numa encruzilhada se encontram. Ambas eram moças, e amavam um mesmo homem. A primeira fallou: – O homem é meu, porque sou mais bella que tu; olhas para a formosura do meu rosto, e veja as formas do meu corpo provocante. Deves te conformar com a sorte, e não podes ter ciumes de uma mulher mais bella que tu. Os homens só procuram mulheres bonitas, não há lugar por onde eu passe, que eu não note um ponto de admiração! [...]

Duas lagrimas dos olhos da segunda rolaram; e ella fallou:

– Eu não sou bella como tu, porque, a minha belleza não trago amostra. [...]

Abigail (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Preparemos homens para amanhã

Dentro dos miserados anceios de minha vida, escrevi uma pagina que de forma alguma levarei para o lodaçal das nisquinhas; porque será a unica herança que poderei deixar ao meu filho. E na rota (?) que seguimmos, eu sigo aquelles que me seguem; porem, reservo-me para que se não manche, a gloria que o meu segredo encerra.

Leite (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Finalmente, é preciso destacar um tipo especial de elocução em que fica patente a demonstração por parte dos integrantes da im-

prensa negra de pertencimento a um grupo particular. Nesse caso específico, a primeira pessoa do plural também é favorecida, ou seja, um redator emprega o pronome pessoal *nós* para se expressar em nome de seu grupo:

Nós, homens de cor, conscientes dos nossos deveres, para com a nossa muito amada patria, desejamos que os homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a lêr para obterem um lugar digno no seio da sociedade brasileira. (O alfinete, ano I, n.8, mar. 1919)

A partir do que foi exposto em relação às perspectivas teóricas que embasam a análise do sistema de formas de tratamento nos jornais em questão, torna-se relevante a seguinte colocação de Biderman (1972-1973, p.339), baseada nos apontamentos de Brown & Gilman (1972), ao comentar a semântica do poder e da solidariedade:

Brown e Gilman apresentam uma visão da sociedade como polarizada em duas forças: o poder e a solidariedade. Para eles o poder foi a força dominante das formas de relações sociais do passado. Nos tempos modernos essa força se estaria enfraquecendo, substituída por um novo ideal: a solidariedade. [...]

As sociedades fechadas do passado morosamente se transformaram nas sociedades abertas do presente. A força de expansão da solidariedade derrubou, ou pelo menos está tomando de assalto, os baluartes do poder.

Dessa forma, o sistema de formas de tratamento empregado na imprensa negra, sobretudo nesse período que se caracterizou por ser um movimento de inserção social dos negros na sociedade paulista, deverá ser avaliado em seus pormenores. É relevante para o presente estudo o fato de que esses homens negros se autotransformavam como pertencentes à “classe dos homens de cor” e, a partir disso, procuravam unir-se para conquistar o espaço que lhes era de direito na sociedade.

Nesse sentido, ao passo que, como afirma Biderman, é uma tendência das sociedades modernas o uso de formas que exprimam mais *solidariedade*, os editores dessa imprensa negra optam pelo uso de tratamentos nominalizados que revelam o *status* social dos negros a que se referem, em uma tentativa de reafirmar a importância social dos membros desse grupo.

O fato linguístico em questão, portanto, é um dos índices reveladores de uma hierarquização social desse grupo. Pelo uso de determinadas formas de tratamento, essas pessoas expressam algum tipo de poder, com o intuito de conquistar um lugar de enunciação e o respeito das parcelas dominantes da sociedade, além de aumentar a autoestima dos negros paulistanos, que tanto sofriam com o preconceito social e racial.